

Subutilização do trabalho voltou a subir. Porquê?

eco.sapo.pt/2021/04/05/subutilizacao-do-trabalho-voltou-a-subir-porque

Isabel Patrício

5 de abril de 2021



A população desempregada emagreceu em pleno confinamento, mas a **subutilização do trabalho voltou a aumentar**. Os economistas ouvidos pelo ECO sublinham que tal se **explica, sobretudo, pelo aumento do número de portugueses que “desistiram” de procurar trabalho**, quer por causa dos entraves colocados a essa tarefa pelas **restrições impostas para conter a pandemia**, quer por reconhecerem que os **empregadores estão pouco abertos a novas contratações**.

De acordo com a nota divulga, esta segunda-feira, pelo Instituto Nacional de Estatística, em fevereiro, a **população desempregada diminuiu 0,3%** face ao mês anterior, enquanto a **subutilização do trabalho agravou-se em 0,9%** em relação a janeiro do ano passado.

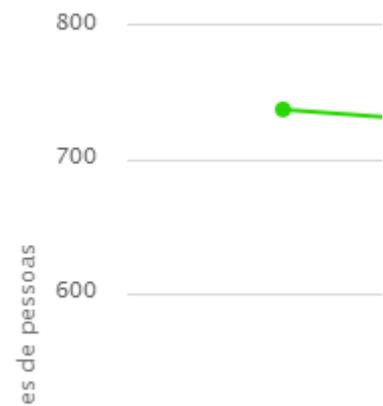
No segundo mês de 2021, havia, assim, **344,2 mil pessoas desempregadas**, menos mil que no mês precedente, e **733,5 mil pessoas em subutilização do trabalho**, mais 6,7 mil do que no início do ano. Tudo somado, a taxa de desemprego manteve-se estável nos 6,9%, enquanto a taxa de subutilização do trabalho subiu 0,1 pontos percentuais para 13,9%.

Subutilização do trabalho subiu pelo segundo mês consecutivo

Fonte: INE

É importante notar que o conceito de **subutilização do trabalho abarca a população desempregada** — daí que a evolução desse indicador seja relevante para a leitura dos dados —, mas não só. Inclui também o **subemprego** dos trabalhadores a tempo parcial, os **inativos à procura de emprego** mas não disponíveis e os **inativos disponíveis mas que não procuram emprego**.

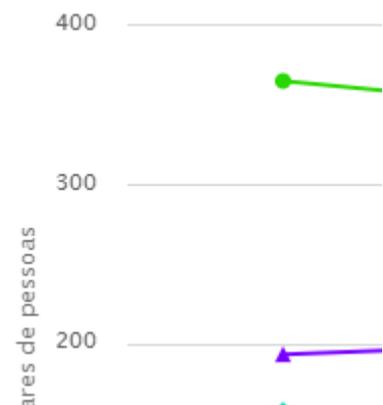
E ao contrário do que aconteceu na população desempregada, **fevereiro foi sinónimo de crescimento para estes três grupos**, o que explica, salientam os economistas ouvidos pelo ECO, **o agravamento da subutilização do trabalho**, indicador que abrange as “**formas de as pessoas se colocarem fora do trabalho do trabalho**” **que não são incluídas na taxa de desemprego**, mas não deixam de “ser o que queremos retratar pelo desemprego”, sublinha José Reis, da Universidade de Coimbra.



Número de inativos voltou a subir em fevereiro

Fonte: INE

Segundo a estimativa do INE, em termos absolutos, o grupo dos inativos **disponíveis, mas que não procuram emprego** foi o que mais cresceu, no segundo mês do ano, face a janeiro. Em janeiro, havia 211,8 mil pessoas nessa situação. A essas juntaram-se, em fevereiro, 3,5 mil (uma subida de 1,65%), **totalizando 215,3 mil pessoas sem emprego, disponíveis para trabalhar, mas que não procuram emprego**, ou pelo menos, não cumprem os critérios de procura ativa definidos para fins estatísticos.



Já em termos relativos, foi o grupo dos **inativos à procura de emprego, mas não disponíveis** o que mais engordou. Em causa esteve um **salto de quase 9%**, de 30,1 mil pessoas nessa situação, para 32,8 mil pessoas.

Em conversa com o ECO, o economista José Reis explica que estão em causa **pessoas que se “deram por derrotadas” face à dificuldade na procura de emprego**, isto é, que desistiram de voltar ao ativo sobretudo por causa do próprio mercado, uma vez que Portugal tem hoje **muitas “empresas em subatividade”** e que, além disso, **não estão a “fazer coisas novas”, o que pode inibir as contratações.**

Já outro especialista no mercado laboral ouvido pelo ECO, que não quis ser citado, defende que a subutilização do trabalho continua a aumentar porque, face à crise pandémica, **“as pessoas não investem tanto na procura de emprego”, nomeadamente por causa do confinamento e das restrições à mobilidade.**

No que diz respeito ao subemprego, o aumento foi menos significativo do que aquele registado relativamente aos inativos. Em fevereiro, **mais 1,5 mil pessoas encontraram-se nessa situação**, o que equivale a um salto de 1,07%. No total, **havia 141,2 portugueses em subemprego, no segundo mês de 2021.**

A subida da subutilização do emprego tem sido, de resto, uma tendência ao longo da crise pandémica, **“escondendo” em certos momentos o impacto da Covid-19 no mercado de trabalho**. Isso mesmo explicava, no início do ano, João Cerejeira, da Universidade do Minho, ao ECO. O economista sublinhava que a diminuição da taxa de desemprego registada nos últimos meses de 2021 estava ligada ao **aumento da inatividade**, ou seja, **como menos pessoas estavam à procura de emprego, encolheu o universo de portugueses que podiam ser considerados desempregados**.

José Reis salienta, na mesma linha, que os critérios por detrás da taxa de desemprego são “muito estritos” e, por se basearem na procura ativa, **deixam de fora muitas pessoas**. O economista lembra que o indicador da subutilização do trabalho atingiu máximos no período de austeridade, ocasião “em que a economia portuguesa estava mais desfeita”. Ainda que a situação agora seja diferente, frisa, **as dificuldades em arranjar emprego têm resultado também num aumento do indicador em questão**.

A nota estatística divulgada, esta segunda-feira, pelo INE, indica, por outro lado, que a **população inativa caiu 0,3% em fevereiro**, face ao mês anterior, mas os economistas ouvidos pelo ECO salientam que esse **indicador não diz respeito apenas aos inativos que são tidos em conta para a subutilização do trabalho**. Abarca também, por exemplo, reformados, estudantes e domésticas. Tal significa que essa quebra não pesa necessariamente sobre a subutilização do trabalho, já que os **dados mais finos mostram que foram justamente os inativos os que mais levaram esse indicador voltar a subir**.